

PODCAST CIÊNCIA SUJA
TEMPORADA 03, EPISÓDIO 7
TÍTULO: O Rei Lair

THEO: Este episódio foi produzido com o apoio do programa Disarming Disinformation, do International Center for Journalists (ICFJ), e financiado pelo Instituto Serrapilheira. O Disarming Disinformation é um esforço global de três anos com financiamento principal do Scripps Howard Fund.

THAÍS: O Ciência Suja também tem o apoio para todo 2023 do Instituto Serrapilheira, que promove a ciência e a divulgação científica no Brasil.

VINHETA

THEO: Quem ouve o podcast sabe que um dos hobbies do pessoal aqui do Ciência Suja é acompanhar grupos de WhatsApp e Telegram que promovem pseudociências. Eu, por exemplo, estou em um grupo de WhatsApp chamado “Fosfoetanolamina”, e outro dia pipocou uma mensagem interessante ali.

THEO: Esse grupo junta pessoas que até hoje acreditam na tal da fosfoetanolamina, a fosfo, que ficou conhecida como a pílula do câncer, ou a cura de todos os tipos de câncer. E era tudo uma farsa, como a gente contou no nosso primeiríssimo episódio. Bom, esse grupo está sempre cheio de gente mandando mensagem, eu fico acompanhando mais para ficar de olho. Mas o que me chamou atenção nesse dia é que a mensagem levava pra uma entrevista em vídeo com um cara chamado Lair Ribeiro. Talvez você já tenha ouvido falar dele. E a gente estava justamente investigando o Lair.

SONORA DO VÍDEO VIVA MAIS

LAIR RIBEIRO: Em todos os lugares do mundo onde predomina a dieta do coco na culinária, você não tem obesidade, as pessoas são todas magras. Por exemplo as Ilhas do Pacífico, onde predomina a culinária do coco, todo mundo é magro, não tem obesidade. Não tem aids também [ri]. Não tem aids, tem HIV, mas não tem aids.

THAIS: Esse vídeo é de 2016 e o Lair Ribeiro dava a entender que o óleo de coco evita a aids. Ele também falou que você pode tomar óleo de coco para não pegar candidíase, e também para substituir o filtro solar. Aliás, protetor faz mal, segundo ele. Claro que nada disso tem embasamento científico.

THEO: Mas lembra que esse vídeo estava sendo compartilhado no grupo “Fosfoetanolamina”. Então o que isso tem a ver com a pílula do câncer?

Diretamente - nada. Mas o Lair fala muito sobre supostas curas para o câncer. Esse vídeo inclusive tá com o título “Tudo sobre o câncer”.

THEO: Nesse grupo da “Fosfoetanolamina” do WhatsApp, haviam 152 menções diretas ao Lair até o dia 5 de julho. São vídeos, recomendações, frases de efeito... E uma coisa que faz ele ser tão popular nesse grupo - mesmo sem falar da fosfo - é que a turma que está ali é super suscetível a terapias alternativas, e o Lair defende várias dessas terapias. Vitamina tal pra curar problema X, óleo contra problema Y, banheira de sal grosso para o problema Z.

THAÍS: O Lair está há décadas no mercado, vendendo cursos, livros e palestras. Seus conteúdos e ideias se espalharam entre a população e serviram de combustível para desinformadores. Sabe o Médicos Pela Vida, o MPV, o grupo antivacina que a gente abordou no primeiro episódio dessa temporada? Então, numa live deles um *terapeuta holístico* falou isso aqui:

LIVE COMUNICA MPV

Terapeuta: E eu aqui dou os parabéns pro meu guru, ele fica bravo quando eu chamo ele de guru, mas é o meu guru, que se chama Lair Ribeiro. Eu tive a honra de viajar muitos anos com ele e nós lançamos a água alcalina no país.

THEO: No site do Lair, você encontra artigos associando a cannabis medicinal a melhoras contra o Alzheimer, e a gente já falou sobre isso no episódio passado. Ele defende a ozonioterapia para mais de duzentas doenças, e o Ciência Suja também contou em mais de um episódio como essa técnica não é reconhecida no tratamento de nenhuma enfermidade. A teoria dele sobre a origem dos tumores é a mesma teoria furada que justificou a fosfoetanolamina da nossa estreia como uma forma de curar o câncer. Ou seja, o Lair influencia, é influenciado e participa do círculo de muitas pseudociências que já deram as caras aqui no podcast. E de tantas outras que a gente ainda não pegou de jeito.

THAÍS: O Lair Ribeiro também é *best-seller* de livros de autoajuda. Na verdade, ele ajudou a popularizar esse gênero no Brasil nos anos 1990. Em um Roda-Vida da TV Cultura de 1993, o apresentador Jorge Escosteguy disse que ele havia vendido mais de 800 mil livros e faturava 600 mil dólares por ano.

RODA-VIVA

Boa Noite. Já lhe ocorreu que, se você não tem dinheiro, alguma coisa está errada... com você? E que a inflação e a recessão são uma espécie de fantasia coletiva? Pois é, parece engraçado, mas não é, as frases fazem parte de um discurso de um médico que se tornou um fenômeno brasileiro no ramo da neurolinguística, ou, como querem alguns, da autoajuda. Estamos falando do médico Lair Ribeiro, o convidado desta noite no Roda-Viva que começa agora.

THAÍS: O Lair Ribeiro dizia que tudo que ele colocava a mão dava certo. Era uma questão de pensar positivo, de focar no sim, e não no não. Essas coisas que tão super na moda hoje com esse papos de Programação Neurolinguística, de Energias Quânticas que trazem dinheiro - e que também não tem nada de ciência. Mas parece que não foi só o pensamento positivo que transformou o Lair Ribeiro em um “case de sucesso”.

THEO: A verdade é que o currículo dele esconde inconsistências, para usar um eufemismo aqui, e essas inconsistências, junto com as falas perigosas dele, geraram dinheiro com cursos, livros, palestras e outras coisas. Dinheiro gasto por pessoas que, ao acreditar nessas coisas, poderiam se expor a riscos. Talvez o caso mais famoso seja o do apresentador Marcelo Rezende, que morreu de câncer em 2017 depois de abandonar o tratamento convencional para seguir as orientações que seriam do Lair.

SONORA DIEGO REZENDE

Tinha certa legitimidade até para o meu pai, que era uma pessoa inteligente, investigador, que não era fácil de ser convencido de absolutamente nada. Mas que, no desespero de se ver de frente com a morte, aceitou esse tratamento como uma última alternativa. Mas a minha opinião é que tomara ninguém caia nas mãos do Lair Ribeiro novamente.

THEO: Neste episódio, a gente vai mergulhar na biografia de um cara que é visto como referência por muitos picaretas e como o pai de várias promessas perigosas que escutamos no Brasil. Depois de três temporadas, chega a hora de falar do Rei Lair. Eu sou o Theo Ruprecht.

THAÍS: E eu sou a Thaís Manarini. E esse é o último episódio da terceira temporada do Ciência Suja, o podcast que mostra que, em crimes contra a ciência, as vítimas somos todos nós.

VINHETA DE ABERTURA

THEO: Para gente que cobre saúde e ciência há algum tempo, o Lair Ribeiro é uma figura incômoda. Não é que ele fica atazanando repórter, nada disso. Ninguém aqui nunca falou com ele. Inclusive é bom avisar logo de cara que a gente tentou falar com o Lair para esse episódio, a gente chegou a conversar com a secretária dele, mas ele não nos atendeu. A gente também mandou um e-mail com perguntas sobre os pontos que vamos falar neste episódio, e não tivemos resposta. Mas é isso aí, o Lair não é uma pedra no sapato de quem cobre saúde por ficar telefonando na redação ou perseguindo repórter.

THAÍS: O que incomoda na verdade é que, depois de várias matérias que dão um trabalhão para fazer, nas mais diferentes áreas da saúde, direto vem comentário

nas redes sociais, ou por e-mail, de fãs dele falando coisas como “Ah, mas o Dr Lair diz que isso e aquilo”. O Lair Ribeiro está sempre na contramão dos consensos científicos, e as coisas que ele fala fazem a audiência ficar resistente para conteúdos fundamentados.

THAIS: A gente sua pra trazer informações de qualidade que possam ajudar a vida das pessoas, e conteúdos como o do Lair jogam parte desse esforço no ralo. Então a verdade é que a gente já pensava nesse episódio desde que o Ciência Suja era só um projeto ainda sem nome. O Lair, dá para dizer, é um muso inspirador desse projeto .

THEO: É, e a chance de tocar essa biografia veio através de uma bolsa do projeto Disarming Disinformation, que promove investigações jornalísticas que revelam os financiadores e as motivações por trás da desinformação. Essa bolsa envolveu diferentes profissionais, entre eles o Álvaro Justen, um cientista de dados que deu todo um suporte para mapear, coletar e analisar dados. Isso para ajudar a conhecer melhor o Lair, esse cara meio mítico do universo pseudocientífico brasileiro.

THAÍS: O negócio do Lair é que ele parece ter mesmo um currículo de respeito, principalmente na primeira metade da carreira. Tem suposta passagem por Harvard e outras universidades norte-americanas, aula em faculdade federal, posição de chefia na big pharma (que hoje ele critica) e publicação de estudos em periódicos de prestígio até pelo menos o final dos anos 1970. Eram trabalhos sobre tratamentos em cardiologia, a área onde ele se especializou originalmente.

THAÍS: Nos anos 80, ele deixa a academia e, segundo o currículo que está no site oficial dele, vai trabalhar como diretor na Merck e na Ciba-Geigy, que hoje é a Novartis. Ou seja, duas grandes indústrias farmacêuticas. A gente questionou as duas empresas se ele trabalhou por lá, e elas nem negaram nem confirmaram. Elas argumentam a coisa de sigilo, mas é curioso como esse sigilo de certa forma protege um cara que inclusive fala mal da big pharma hoje em dia. Em 1989, ele alega que sai da Ciba, abre uma empresa voltada para eventos e aí a sua carreira muda. Por volta dessa época, o Lair teria começado a frequentar a lojinha de um senhor que vendia produtos naturais onde ele morava, nos Estados Unidos. E isso teria mudado o jeito dele ver o mundo.

VÍDEO CURAS PROIBIDAS

LAIR: E ele me emprestou uns livro, a minha cabeça foi mudando, foi mudando. Chegou uma hora, eu falei: “Bom, existe um outro caminho que leva a Roma, e eu quero explorar esse caminho”.

THEO: Foi por aí também que o Lair começou a ser excluído dos congressos de cardiologia. Segundo ele, porque começou a contar umas “verdades”, entre aspas, como essa aqui:

VÍDEO CURAS PROIBIDAS

LAIR: O colesterol no fundo ele é mocinho, não é bandido. A cardiologia adotou esse mito, mas, como eu não concordo com essa abordagem, eu sou excluído.

THEO: O colesterol não é mocinho nem vilão, tá gente. É uma molécula importante para o funcionamento do corpo. Mas que, sim, em excesso o colesterol, e o LDL principalmente, é associado a problemas cardiovasculares.

THAÍS: Na mesma época, o Lair mergulhou fundo na história da programação neurolinguística, ou PNL. Entre 1986 e 1990, ele fez cursos de PNL lá nos Estados Unidos. Para quem não está familiarizado, a PNL surgiu nos anos 70, como uma espécie de linguagem de programação, tipo essas de computador, só que para o cérebro. Em resumo, a PNL defende que você consegue reprogramar sua mente para ter sucesso reproduzindo o modo de falar e de agir de pessoas que já são bem-sucedidas. Ou seja: quer ficar rico? Então começa a usar coletinho de Faria Limer, a falar que nem executivo, essas coisas, que o dinheiro vem. Confia. Ouve só um trequinho matador de uma matéria do Carlos Orsi, para Revista Questão de Ciência, sobre o assunto:

NARRAÇÃO DE TEXTO

Em seu livro “Language Myths, Mysteries and Magic”, Stollznow elabora: “A PNL não aparece em livros-texto de psicologia. Nunca teve impacto sério na academia. Se suas teorias estivessem corretas, Bandler e Grinder teriam feito algumas descobertas notáveis com grandes implicações para a psicologia humana. Mas esqueceram de uma parte do processo científico: avaliação empírica”. Em outras palavras, tiveram um monte de ideias que até pareciam legais. Só esqueceram de ver se correspondiam à realidade. E a verdade é que não correspondem.

THAÍS: Mesmo sendo uma furada do ponto de vista científico, a PNL surfou na onda da autoajuda, que fez muitos gurus ganharem dinheiro nos anos 90. Então o Lair decidiu difundir isso por aqui e aí ele virou um fenômeno mesmo, com direito a ser capa da revista Exame em 1993, e a ser entrevistado naquele Roda-Viva que a gente falou antes. Ouve só mais um trecho da apresentação do Lair no Roda-Viva:

RODA-VIVA

Grandes organizações, inclusive multinacionais, têm procurado sua assessoria para melhorar o trabalho de seus executivos e o faturamento de sua empresa. Nós vamos saber qual é o segredo do sucesso do Dr Lair Ribeiro hoje.

THAÍS: Nessa época, ele dava consultoria para grandes empresas, como a Perdigão. Sabe esses coaches que a gente vê hoje em dia que falam que pra ficar rico, basta querer? Ou que emagrecer é só uma questão de força de vontade? Pois é, o Lair Ribeiro é tipo o patrono da versão brasileira desse discurso. Ainda em

1993, ele lança sua grande obra “O sucesso não ocorre por acaso”, que o Theo leu para ter noção do tamanho do buraco.

THEO: É, eu não gosto muito de livro de autoajuda, e é um livro do Lair, então foi um pouco sofrido. Mas vamos lá: o Lair intercala capítulos em que apresenta suas teses com uns outros mini-capítulos mais de inspiração.

THEO: Só que o crítico mesmo é que o Lair direto recorre a supostos estudos ou ditos fatos científicos para justificar as suas estratégias. A própria premissa do livro é questionável. Escuta isso aqui, só para ter uma ideia:

NARRAÇÃO DE TEXTO

Um exemplo simples como esse pode nos ensinar que sempre é possível melhorar na vida – não importa quão bem-sucedido você seja. Nós não usamos sequer 5% da nossa capacidade cerebral.

THEO: Aí ele se enrola um pouco, menciona o Einstein, e retoma o fio da meada.

NARRAÇÃO DE TEXTO

Se estamos usando somente 3% a 4% de nossa capacidade mental, basta usar um pouco mais dos recursos que temos para conseguirmos alcançar ou ultrapassar a inteligência de quem nasceu com maior potencialidade. Esta é a “diferença” que faz a diferença. O importante é aprender a pensar direito. E isso é possível. Os nossos cursos, feitos com base nas novas tecnologias de aprendizado, conseguem resultados evidentes em pouquíssimo tempo

THEO: Mas o lance é que a gente não usa só 3, ou 4, ou 5% do nosso cérebro. E aliás ele fala diferentes números aí, né. Diferentes técnicas e exames mostram que virtualmente todas as partes do cérebro são ativadas, uma hora ou outra. Talvez esse mito venha do fato de que mais ou menos 90% das células cerebrais não são neurônios, são células gliais, que têm função de suporte. Só que elas são ativas, e não tem *best-seller* de autoajuda que transforme um tipo de célula em outra. Então, desde o princípio, o livro do Lair se ancora em um mito pseudocientífico.

THEO: E essas “evidências científicas” vão ficando cada vez mais estranhas. Em várias partes do livro, ele fala de como a gente deve focar no positivo, no sim, e não no negativo, no não.

NARRAÇÃO DE TEXTO

Daí a importância de falar sempre no sentido positivo. “Eu quero ser magro”, em vez de “Eu não quero ser gordo”. Toda vez que você diz “Eu não quero ser gordo”, o que seu cérebro visualiza é a gordura, então programa a gordura no seu corpo.

THEO: Eu peguei um trecho absurdo, mas só reiterando que não tem nada nem perto disso na literatura científica. O que o Lair usa para sustentar essa coisa do pensamento positivo, para além de blábláblá mesmo, são associações bizarras. Ele diz por exemplo que mulheres vivem mais que homens, o que é verdade, e aí liga isso com estudos que provariam que mulheres sorriem mais que homens, o que eu nem sei se dá pra afirmar com segurança. Ou seja, para ele, o fato de sorrir mais justificaria a maior expectativa de vida da mulher, e isso provaria que a gente tem que ser positivo para alcançar o sucesso. Então sorriso vira pensamento positivo, e pensamento positivo vira maior expectativa de vida, e expectativa de vida é sucesso. É um bololô que, tirando a parte da maior longevidade das mulheres, não tem comprovação, e é uma forçação de barra quando a gente para para pensar.

THEO: O Lair ainda joga dados descabidos ao vento, como o de que formamos uma imagem sobre alguém em três minutos, mas demora 20 anos para “desfazer” essa imagem. Ou que crianças ouvem 100 mil nãoos até os 8 anos de vida, e que isso sabota o sucesso. Ele diz que fome e sofrimento dependem, abre aspas, “basicamente da escolha e da percepção de cada um”, o que é no mínimo cruel. Ele fala também que cura fobias em cinco minutos. E diz que, se uma pessoa está pensando em se suicidar, só de orientá-la a olhar para cima já se quebra o impulso do suicídio. Literalmente olhar pra cima mesmo, para o teto, para o céu.

THAÍS: Chega, Theo, por favor. Vamos voltar para a carreira do Lair. A verdade é que depois desse *boom* da década de 90, as aparições dele na mídia, e na grande imprensa principalmente, diminuem bastante, pelo que a gente conseguiu ver. Mas ele seguiu ativo, falando diretamente com seus seguidores.

THAÍS: Em 2001, o Lair frequentou um curso de Medicina Quântica, no Instituto Brasileiro de Metodologia Quântica. Aí o Lair vai aos poucos inserindo mais mensagens de saúde no discurso. Ele segue como coach empresarial, mas os livros e as participações em programas de TV entram mais nas curas alternativas.

THAÍS: Para entender essa transformação e as origens do Lair, no finalzinho de junho a Chloé Pinheiro, a Chlô, e o Pedro Belo, o Pedrão, foram para terra natal dele, Juiz de Fora, em Minas Gerais.

SONORA PEDRO BELO

Começa agora: Chloé em Juiz de Fora, uma história de busca incessante.

CHLOÉ: Juiz de Fora, essa cidade meio mineira, meio carioca, que tem torresmos deliciosos, é a terra natal do Lair. E é um lugar importante para a biografia dele porque uma das primeiras coisas que ele fala no currículo é que foi professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, a UFJF. Só que, antes mesmo da gente viajar, a gente entrou em contato com a universidade e eles afirmaram que ele não foi professor lá, não – foi só aluno mesmo.

CHLOÉ: Então o plano dessa viagem era tentar pegar mais informações e conversar com pessoas que tinham convivido com ele nesse tempo. Mas foi difícil para caramba. A gente fez muitas ligações, foi em vários lugares, mas no fim encontrou pouca gente disposta a falar sobre o Lair. Né, Pedro?

PEDRO: Pois é, a maluca da Chloé, grávida de 14 semanas e no meio de uma mudança, achou que seria uma boa passar 3 dias da semana mais fria do ano batendo perna em uma cidade a 8 horas de São Paulo atrás de informações que pudessem ajudar a gente a montar esse quebra-cabeça que é a vida de Lair Ribeiro.

PEDRO: Eu topei, porque eu me amarro em uma furada. Então a gente passou nosso primeiro dia buscando pistas em três lugares: a biblioteca municipal Murilo Mendes, que tem esse nome porque o poeta modernista Murilo Mendes nasceu lá, em Juiz de Fora, a prefeitura, que não rendeu lá muita coisa, e a Funalfa, a Fundação Cultural Armando Ferreira Lage, que também, infelizmente, não deu em nada.

PEDRO: É normal no jornalismo, quando a gente se propõe a sujar os sapatos - que nem falam na faculdade - que muitas das idas e vindas nossas não dêem em muita coisa mesmo. É um pouco frustrante, mas ok, faz parte. Ainda assim, é importante ir pra rua e conversar com as pessoas, como faziam os antigos astecas. Mas o que eu achei triste, e acho que a Chloé concorda comigo, foi a situação de descaso com a memória e a história dos lugares.

CHLOÉ: Sim, isso foi meio bizarro. Na nossa primeira parada, na biblioteca, a responsável pelos arquivos dos jornais da cidade tinha se aposentado, e ela fazia de vez em quando um trabalho como voluntária, e nesse dia estava viajando. Então não tinha ninguém que pudesse orientar ou acompanhar a gente na pesquisa. É como se a memória da cidade dependesse de uma pessoa só, que estava trabalhando de favor.

SOBE-SOM DO LOCAL

Homem: Tá bem precário esse serviço aqui ainda.

CHLOÉ: Na hora que a gente tava saindo da biblioteca, a recepcionista falou que talvez tivessem alguns arquivos de jornais num outro piso, e que a gente poderia dar uma olhada. E tinha mesmo. A gente foi bem recebido por uma bibliotecária simpática, que mostrou pacotes de um jornal chamado Diário Regional. Esse é um veículo da família Aragão, que também era dona da TV Educativa. Os “Aragão” eram uma família poderosa da mídia de Juiz de Fora, e eles deram bastante espaço pro Lair nos anos 2000. Parece que eram meio amigos do Lair.

PEDRO: A gente ficou por lá umas duas horinhas dando uma fuçada, e achamos algumas colunas de saúde e bem-estar do Lair de 2017, e que saíam aos domingos. Os temas ainda bem ligados à auto-ajuda e sucesso profissional. Vou destacar alguns títulos: “Feedback: uma ferramenta para quem busca o sucesso”, “Os quadrantes da vida” e “Ginástica cerebral: você pratica?”

PEDRO: No segundo dia, a gente se enfiou no arquivo geral da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde o Lair se formou em 1972. E falando assim parece que a gente ficou enfurnado entre estantes e aqueles gabinetes de latão cheios de documentos, na penumbra. Mas não, era uma salinha de estudos com luz branca mesmo, e a gente falava o que precisava pra uma moça muito solícita - aliás, Minas Gerais, meu máximo respeito sempre! E ela trazia o que a gente precisava. A gente vai subir fotos dessa jornada no nosso site e no instagram.

PEDRO: A gente pediu os registros acadêmicos do período entre 1968 e 1972, os anos que o Lair cursou medicina por lá. E apesar de uma certa bagunça, a gente até encontrou bastante coisa e deu pra confirmar pelo menos duas informações que a gente já tinha.

CHLOÉ: A primeira é que ele era bom aluno. Ele tinha boas notas, muito boas mesmo, e ficava ali entre os melhores da classe em todas as matérias nos primeiros períodos da faculdade.

SOBE-SOM DO LOCAL

PEDRO: Tirou 10.

CHLOÉ: Ele era extremamente inteligente

PEDRO: Tirou 7,6 em biofísica.

CHLOÉ: A segunda coisa é que ele não foi professor assistente da Faculdade enquanto ainda era aluno. É, o Lair alegou que era professor assistente de cardiologia enquanto ainda estava tendo aula, e isso consta no currículo que está no site dele. O máximo que a gente encontrou foi o nome do Lair como monitor no ano de 1971. Monitor é tipo um auxiliar, vamos dizer assim.

CHLOÉ: Pra corroborar isso tudo, a gente também foi na Faculdade de Medicina, no campus da UFJF. Lá eu e o Pedro fomos muito bem recebidos até de surpresa pela diretora, e ela nos confirmou, de novo, que ele tinha não sido professor lá.

PEDRO: O nosso terceiro dia foi o mais legal no quesito bater perna com objetividade, porque pela manhã a gente foi na Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora, um prédio modernista bem bonito na região central da cidade. E lá a responsável pela comunicação nos passou o contato do Doutor José Augusto Gaburri, que teria algo a dizer sobre o Lair Ribeiro.

SOBE-SOM DO LOCAL

CHLOE: E aí, tá no esquema o trambolho? Vamos ligar pra esse cara enquanto a gente está aqui.

Barulho de telefone

CHLOE: Alô?

Gaburri: Alô.

PEDRO: A gente ligou para ele ali na porta, e ele atendeu, foi super solícito e topou falar na hora, lá na Santa Casa da cidade, que era perto, a gente foi a pé. Como você deve ter percebido aí, o Dr Gaburri estava quase sem voz, bem rouco mesmo. Mas ainda assim ele estava querendo falar, então a gente foi na marcha atlética até o estacionamento da Santa Casa, que foi onde ele pediu para a gente se encontrar. E aí logo de cara ele falou que a rouquidão dele era efeito da quinta dose da vacina contra a Covid-19, que ele tinha tomado recentemente, o que para a gente aqui do Ciência Suja já faz acender aquela luzinha de alerta.

PEDRO: A gente não vai por muito da voz do Gaburri por causa da rouquidão. Mas tem outra coisa: como estava barulhento ali na porta, com avenida, carros, gente passando, a gente perguntou se poderia sentar em algum lugar pra conversar, e ele sugeriu que a gente conversasse dentro da capela da Santa Casa.

PEDRO: Tava cheio de gente rezando, a gente foi entrando sem jeito, se acomodou lá no fundo, e a Chloé começou a conversar baixinho com ele enquanto eu gravava. Tudo dizia que a gente estava prestes a gravar uma entrevista surreal dentro de uma igreja, mas aí começou a missa. Aí a gente saiu rapidinho, encontrou um canto ali na lateral da capela e conversamos ali mesmo.

ENTREVISTA COM JOSÉ AUGUSTO GABURRI

CHLOÉ: A matéria é para tentar explicar mesmo como ele virou esse fenômeno que ele é hoje, né?

GABURRI: Muito fácil. Um privilegiado, uma inteligência diferente da nossa. Um cara extremamente dedicado, esforçado, até obcecado, no que sempre fez. A sorte caiu na vida dele na hora que ele estava no lugar certinho.

PEDRO: O Gaburri disse que é próximo do Lair. Inclusive, ele disse que o Lair ligou para ele quando ficou sabendo da rouquidão supostamente causada pela vacina. E aí..

ENTREVISTA COM JOSÉ AUGUSTO GABURRI

Agora ele me encaminhou para um homeopata que ele trabalha, acho que de Sorocaba. Formula... É um detox da vacina. Elimina a vacina, ele tira.

PEDRO: Pois é, segundo o Dr Gaburri, o Lair está indicando homeopatas parceiros para formular detox de vacina pros amigos. Aliás, você já ouviu falar disso no nosso episódio “Os antivacina contra-atacam”, que tinha uma médica que oferecia um tratamento parecido na clínica dela. E esse foi o filé, ou o torresmo da nossa viagem até Juiz de Fora, a princesa de minas.

CHLOÉ: Então resumindo: lá a gente descobriu que:

- 1) O Lair não foi professor-assistente na UFJF, só foi monitor.
- 2) Ele era amigo de uma família poderosa da mídia da cidade. Por volta de 2005, começou a participar de programas de TV já falando mais de saúde mesmo. E ganhou coluna no jornal local, da mesma família, em 2017.
- 3) Parece que ele recomenda para os amigos um médico do interior de São Paulo que prescreveria detox de vacina com homeopatia.

THEO: Então focando nos deslizes da biografia dele. Tem muita coisa no currículo dele que é verdade, vale dizer. Mas as inconsistências também não param só na Universidade Federal de Juiz de Fora. A gente pegou mais uns erros, e quando eu digo a gente, eu digo a gente mesmo aqui do podcast, e a jornalista Natasha Madov, que está nos Estados Unidos e que ajudou com a apuração, já que o Lair viveu muito tempo por lá.

THEO: Nas palavras do próprio Lair, que ele usa como abertura do currículo e como minibio sempre que pode, ele viveu 17 anos nos Estados Unidos e trabalhou em três universidades americanas – a Harvard Medical School, a Baylor College of Medicine e a Thomas Jefferson University”. Só que duas dessas três credenciais não conferem. Ou pelo menos não do jeito que ele anuncia.

THEO: Por e-mail, nós falamos com a Baylor College of Medicine e, segundo a vice-presidente de comunicações, ele nunca foi *fellow* (que seria uma espécie de pesquisador) por lá. E, entrando em contato com a Harvard Medical School, fomos informados pela assessoria de imprensa de que não tem nenhum registro do Lair Ribeiro nas bases de dados deles. Ele pode ter tido, sim, uma ligação com o Peter Brigham, que é uma espécie de hospital universitário deles, que ele também cita no currículo. Mas o hospital Peter Brigham respondeu que não conseguia checar registros tão antigos.

THAÍS: E tem mais: o Lair não é membro ativo da New York Academy of Sciences desde 1980, como ele afirma. Ele até pode ter sido em dado momento, mas, segundo a assessoria de imprensa da instituição, eles têm registros sólidos pelo menos desde 2006, e pelo menos desde essa época o Lair não é mais um membro ativo. Tem ainda outra coisa bem estranha. Ele diz ter sido cardiologista no Hospital Pró-Cardíaco entre 1964 a 1966. Isso antes de ele ter entrado na Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, em 1968. Ao mesmo tempo, ele colocou no currículo que trabalhava num banco em Teófilo Otoni, cidade no nordeste de Minas Gerais. Bom,

a gente não descobriu como e se um então jovem de 19 anos conseguiu atuar ao mesmo tempo como cardiologista e bancário, porque a gente não encontrou sinal de hospital com esse nome em Teófilo Otoni. O Pró Cardíaco que existe desde aquela época é do Rio de Janeiro, e a assessoria de imprensa não respondeu se o Lair teve ou não alguma atuação lá.

THAÍS: O fato é que, usando essas credenciais, ele chegou longe como guru. E foi passando debaixo do radar, mas criando um império paralelo de comunicação, com seus livros, palestras e vídeos no Youtube. Até que, em 2017, ele voltou à grande imprensa.

PROGRAMA DO RAUL GIL

GERALDO LUIS: E o Dr Lair Ribeiro prometeu para ele a cura. Prometeu.

THAÍS: Esse aí é o Geraldo Luis, ex-apresentador da Record, em uma participação recente no programa do Raul Gil. O Raul estava perguntando se ele tirava o chapéu para o Lair Ribeiro. E aí ele respondeu que não, por causa do que tinha acontecido com o jornalista Marcelo Rezende, que era bem amigo dele. Essa declaração do Geraldo bombou na imprensa, bem na época que a gente estava apurando esse episódio. E relembrou esse caso triste.

THEO: O Marcelo Rezende morreu de câncer de pâncreas em 2017, depois de abandonar o tratamento convencional para seguir orientações que seriam do Lair Ribeiro. O Domingo Espetacular, da Record, fez uma extensa reportagem com esse furo na época. O Lair Ribeiro também não deu entrevista na ocasião, mas divulgou um áudio negando qualquer envolvimento. Só que tem várias indicações de que ele, no mínimo, aconselhou o Marcelo Rezende a se consultar com uma médica, a ginecologista Katia Nakazone. E, a partir disso, ele começou a fazer um tratamento alternativo que envolvia suplementos e ajustes na dieta. A tal Katia tocava no nome do Lair como se ele fosse alguém com influência em decisões sobre o tratamento dela.

REPORTAGEM DA RECORD

KATIA: Agora [NOME PROTEGIDO], eu consigo soltar ela na quarta e na sexta de manhã. Eu estou aqui conversando com o Lair para ver se dá para soltar na sexta.

THAÍS: Esse áudio também está na matéria da Record, que mostra ainda fotos do Marcelo Rezende e do Lair se encontrando. A gente tentou falar com o Geraldo Luís, mas acabou não rolando. Quem topou falar foi o Diego, o filho do Marcelo Rezende, e a Luciana Lacerda, namorada dele na época.

THAÍS: Foi o Diego, aliás, que você ouviu lá no começo do episódio. Quando o pai dele adoeceu, ele vinha pro Brasil a cada quinze dias. Na nossa conversa, o Diego confirmou boa parte das afirmações da reportagem da Record.

SONORA DIEGO REZENDE

Também não posso dizer se essa pessoa trabalhava diretamente com o Lair Ribeiro. Ou se era independente do Lair Ribeiro, mas posso dizer que o Lair Ribeiro acompanhou o tratamento. A Doutora Kátia estava no dia a dia, o Lair Ribeiro conversava.

THAIS: As “terapias”, entre aspas, custavam caro.

SONORA DIEGO REZENDE

Se eu não me engano, ele deve ter gastado em volta dos 350 mil reais ao todo no tratamento, tratamento que durou uns 4 meses.

THEO: Só que, mesmo com tanto investimento, depois de alguns meses fazendo o tratamento, o estado de saúde do Marcelo Rezende se deteriorou muito. E vale dizer que isso talvez tivesse acontecido mesmo seguindo aquele esquema convencional. Mas o Diego ficou com uma frase na cabeça, que ouviu muito nesse período.

SONORA DIEGO REZENDE

Então a Doutora Kátia que eu ouvi dela várias vezes essa frase. A frase era: “A piora é o caminho da melhora”. Ou a piora é o caminho para a melhora, essa era a frase. Meu pai, não contente só com essa frase, porque ele via no corpo dele as consequências da doença e de um tratamento que não funcionava, quando chegava lá alguma situação extrema de sofrimento, de não ver respostas, ele ligava para o Lair Ribeiro, que era quem acalmava ele.

THEO: Agora você vai ouvir a Luciana, que era namorada do Marcelo Rezende.

SONORA LUCIANA LACERDA

Aí a Katia falou que era assim mesmo o processo, que o processo da cura era assim mesmo. Que ele tinha que passar por isso. A cura foi prometida, tá?

THEO: Nesses momentos de piora, a equipe médica seguia apostando em pseudociências.

SONORA LUCIANA LACERDA

Ainda lembro ainda que o Marcelo estava com a barriga muito inchada, o Marcelo começou a inchar muito, com muito, muito, muito inchada. Aí eles mandaram botar ele dentro de uma banheira cheia de salmoura. E eu botei.

THEO: A banheira com água e sal é uma tática defendida pelo Lair Ribeiro como terapia para quem tem câncer. Isso está em outros vídeos dele, inclusive. E é claro

que não funciona. Aí o Diego contou que tentou conversar com o Lair quando viu que o pai só piorava.

SONORA DIEGO REZENDE

E ele saiu com uma cara meio constrangedora, a mulher também. Não sabiam o que dizer. Eu quis trocar uma ideia com ele afastado do meu pai, a sós com o Dr Lair Ribeiro, e ele fugiu dessa conversa. E aí eu senti que de alguma forma ele já tinha largado meu pai, enquanto paciente.

THAIS: A denúncia da reportagem da Record não deu em nada. A gente procurou o CFM e o Cremesp, porque o Lair não tem licença para atender pacientes em São Paulo, mas eles não se manifestaram sobre esse caso ou sobre o Lair. Os filhos não seguiram com processos ou coisas do tipo. Segundo o Diego, não porque achavam que não tinham argumentos pra isso, mas porque aquilo exigiria um baita esforço numa situação já bem delicada.

THAÍS: As chances de cura do Marcelo Rezende eram baixas, muito baixas. Menores do que 1%, ele teria ouvido dos médicos quando fez sua primeira sessão de químio. Mas, mesmo se o tratamento padrão não curasse o Marcelo Rezende, ele poderia dar mais tempo ou qualidade de vida. Mas a história mostra que, na verdade, o Rezende não só sofreu desassistido, como teve as suas esperanças alimentadas às custas de grandes despesas.

THEO: Na volta do intervalo, a gente aborda os riscos por trás de algumas falas do Lair, e porque tanta gente cai nesses contos.

INTERVALO

THEO: Esse intervalo é para lembrar vocês que o Ciência Suja tem um projeto de financiamento coletivo. A partir de 10 reais, você pode ajudar a manter nosso projeto. Cada investigação dessas leva tempo e consome dinheiro, e a gente tem contas para pagar. Então, se puder, entra no site da Orelo, procure pela gente e assine um dos nossos planos. Você pode ter acesso a conteúdos exclusivos, newsletters, brindes, sorteios de livros. E aproveitando, um abraço mais que especial para Mariana Ferreira, Maurício Terra, Teresa Gonçalves, André Lemos, Paulo Barbosa, Rômulo Neves, Valéria de Almeida, Patrícia Maria e todos os outros apoiadores do plano Paladinos da Ciência, que já citamos em episódios anteriores.

THAIS: O Ciência Suja também integra a Rádio Guarda-Chuva, que reúne diferentes podcasts jornalísticos. Entre eles, tem o incrível Pauta Pública, que é da Agência Pública e traz entrevistas com jornalistas sobre reportagens e temas que ajudam a explicar o Brasil. Vale a pena ouvir.

FIM DO INTERVALO

THAÍS: O Lair ataca diferentes estratégias consagradas da medicina, o que pode colocar em risco a vida de vários tios e tias do zap. E o câncer é um dos assuntos favoritos dele.

THAIS: No livro, “Câncer, uma outra visão”, de 2021, o Lair afirma que a químio funciona em menos de “2% dos casos” e que fazer radioterapia aumentaria o risco do câncer voltar. Ok, em certos casos as terapias não funcionam mesmo, e também existem hoje melhores tratamentos em algumas outras situações. Mas a químio e a radio seguem importantes para várias pessoas.

SONORA MARIANA LALONI

Bom, é um mito que a quimioterapia não trata o câncer, ou que a radioterapia não trata o câncer, e que isso aumente exponencialmente o risco de câncer ou de um outro câncer. Existem riscos e efeitos colaterais de médio e longo prazo: sim. Mas eles são irrisórios, muito pequenos, frente ao grande benefício do avanço das novas drogas quimioterápicas, das novas tecnologias de radioterapia.

THAÍS: Essa aí é a Mariana Laloni, oncologista do Grupo Oncoclínicas, que analisou alguns materiais que a gente enviou desse livro do Lair. Essas terapias convencionais são atacadas pelo Lair para justificar as abordagens “alternativas”. Nesse livro, entram na lista de recomendações tratamentos homeopáticos, ozonioterapia e a dieta cetogênica, que é um plano alimentar com bem pouco carboidrato e muita gordura.

THAÍS: E nesse papo da dieta cetogênica tem mais um caso de distorção da ciência. O Lair diz que as células tumorais se alimentam de glicose, que está nos carboidratos, o que não é mentira. E que, por isso, é só trocar carboidrato por gordura para matar o câncer de fome.

SONORA MARIANA LALONI

Toda célula precisa de energia para crescer. A célula do câncer também precisa de energia para crescer. Ela precisa de glicose, mas toda célula do nosso corpo, inclusive as células doentes, as células cancerosas, vão buscar energia seja da dieta que a gente come, seja destruindo, por exemplo, o músculo. Então não é uma dieta com privação de carboidrato que vai tratar o câncer e fazer essa célula morrer, ou controlar a doença. Então isso é um mito.

THEO: E não é só no tratamento do câncer que o Lair escorrega na curva. Ele também fala umas abobrinhas sobre exames de rastreamento. Pega o exemplo da mamografia, de um vídeo na internet.

VÍDEO DO LAIR RIBEIRO NO YOUTUBE

Cada vez que você faz uma mamografia, você predispõe ao câncer. [...] O pessoal fica “ah, queremos um mamógrafo aqui”. Eu quero distância do mamógrafo. Se eu por um mamógrafo no meu bairro, vai atrapalhar a saúde das mulheres, ao invés de ajudar.

THEO: A gente não sabe exatamente quando o Lair deu essa palestra, mas o vídeo foi publicado no Youtube agora em 2023, e isso mostra que os conteúdos dele continuam repercutindo, continuam sendo publicados. Neste material, ele sugere que a radiação da mamografia pode causar câncer, e que um possível resultado negativo, de que não tem câncer, estimularia as mulheres a manterem hábitos pouco saudáveis, na linha “eu tô fumando e não desenvolvi câncer, então vou continuar fumando mesmo”. Acho que dá pra dizer que a mulher que acreditar nesse papo provavelmente vai deixar de fazer o rastreamento para câncer de mama, né.

THEO: A gente enviou uns vídeos como esse pro Luiz Gustavo de Almeida, diretor de educação científica do Instituto Questão de Ciência. O Luiz é um parceiro de longa data, ele até já deu uma outra entrevista para a gente no episódio sobre o design inteligente, da segunda temporada. E o que ele disse agora é que o risco da radiação é basicamente pra quem faz muitas mamografias, especialmente pros técnicos de enfermagem que estão lá todo dia tirando chapa.

SONORA LUIZ GUSTAVO DE ALMEIDA

A exposição a raio-x, que é o que ele fala que daí vai causar câncer, é daquelas pessoas que fazem o raio-x, que estão lá fazendo raio-x. Então elas nem ficam na sala junto com você, porque todo dia ficam fazendo diversas vezes raio-X. Então não é uma vez a cada ano que vai fazer com que você tenha essa predisposição.

THEO: O Luiz também destacou que a mamografia pode gerar falsos negativos, que é quando a pessoa tem câncer o exame não aponta, e falsos positivos, que é quando a pessoa não tem câncer, mas o exame sugere que sim. No primeiro caso, a doença vai avançar por mais tempo antes de uma intervenção e, no segundo, a paciente pode passar por procedimentos desnecessários.

THEO: Mas diferentes entidades, do Instituto Nacional do Câncer aqui no Brasil ao Instituto Nacional de Saúde do Reino Unido, passando pelo CDC nos Estados Unidos, todas essas entidades e outras recomendam a realização de mamografias de tempos em tempos a partir de uma certa faixa etária - essa faixa etária pode variar. Enfim, isso porque os benefícios da detecção precoce superam os possíveis riscos. Os estudos mostram que a utilização desse exame ajudou a reduzir a mortalidade pela doença.

SONORA LUIZ GUSTAVO DE ALMEIDA

Não tem nada a ver. As mulheres indo fazer uma vez por ano, duas vezes por ano, três vezes por ano terem mais incidência de câncer. Isso é totalmente falso, ele sempre fala: “Tem um estudo que mostrou”. Só que ele nunca fala qual o estudo. E se a gente der uma busca básica nas fontes que a gente conhece de busca de artigo científico, não tem nada disso

THAÍS: Uma outra coisa absurda entre as tantas que o Lair defende pro câncer é o uso do MMS, ou dióxido de cloro, como um possível tratamento.

VÍDEO DO LAIR RIBEIRO

E para câncer? Foram experimentar e começou a curar câncer. E para autismo? Aí começou a curar autismo. Aí começou a pipocar, chama MMS, miracle mineral solution.

THAÍS: O MMS, ou “solução mineral milagrosa” na sigla em inglês, é uma mistura de clorito de sódio e ácido clorídrico. Então, não parece seguro, né? É porque não é mesmo. Essa substância é corrosiva, é vendida ilegalmente na internet e é considerada altamente tóxica. Mas o vômito e a diarreia que ela induz, segundo seus promotores, seriam parte do processo de cura.

VÍDEO DO LAIR RIBEIRO

Então tá aí o dióxido de cloro: é sua solução, porque você vai resolver problemas e problemas e mais problemas. Tá com micose de unha? Pinga que cura. Tá com melanoma, aplica e mata o melanoma.

THAÍS: Somando diferentes redes sociais, o Lair Ribeiro tem 4 milhões e 200 mil seguidores. Só no canal oficial do Lair, fora todos os outros que replicam trechos, os vídeos dele têm mais de 36 milhões de visualizações, e esse fã-clubé é engajado. No vídeo do Youtube com o trecho daquela participação do Geraldo Luis no Raul Gil, o que não falta é comentário defendendo o Lair Ribeiro.

THAÍS: Lá em Juiz de Fora, o Pedrão e a Chloé ouviram vários relatos de pessoas que viraram discípulos informais do Lair, que diziam que a vida tinha mudado por causa dele. O Lair é visto por esse pessoal como uma pessoa carismática, de métodos revolucionários, com uma pegada meio catártica. Por exemplo, nos anos 90 e 2000, ele tinha um curso disputado chamado Sintonia.

VÍDEO DO LAIR RIBEIRO

Olá, tudo bem? Eu estou aqui hoje para conversar com você sobre um curso chamado Sintonia. Já ouviu falar?

THAÍS: A proposta era promover desenvolvimento profissional e pessoal pra a pessoa atingir um “estado de excelência”. As pessoas pagavam por um final de

semana de treinamento motivacional num hotel. E era muito mais do que uma palestra motivacional, segundo os relatos. Chegava a um nível quase de seita.

SONORA JOSÉ AUGUSTO GABURRI

Ele te ensina a nascer de novo. Tem uma cerimônia, uma sessão, no início, que no final dos 9 minutos de taquipneia, você tá em posição fetal, choramingando, chupando dedo.

THAÍS: Esse é o Gaburri, o médico amigo do Lair que a gente encontrou em Juiz de Fora.

THEO: Outra pessoa que falou desse aspecto carismático do Lair foi o jornalista João Filho, um dos poucos, se não o único cara, que escreveu algo dedicado ao Lair recentemente na imprensa. Em agosto de 2020, ele publicou o artigo “As dicas do médico Lair Ribeiro são um risco à saúde pública”, no The Intercept Brasil. E aí aconteceu o seguinte:

SONORA JOÃO FILHO

Quando eu escrevi aquele artigo pro Intercept. Nossa, eu nunca recebi tanto e-mail na minha vida e eu recebo até hoje de pessoas indignadas comigo. “Você é louco, você é um laçao da indústria farmacêutica”, essas coisas. É uma coisa de seita mesmo. Eles agem como defendendo líder da seita, né? E ele nem precisa pedir nada, é uma coisa que se criou e você vê nos comentários nos vídeos do YouTube também. Todo mundo defendendo ele, é impressionante o poder desse cara. O impacto dele na saúde brasileira não é irrelevante.

THEO: Então o Lair não é só mais um cara da dita medicina alternativa, ou mesmo um *outsider*. O João Filho, aliás, escreveu esse artigo porque estava inconformado com o que via na própria família.

SONORA JOÃO FILHO

Eu tive a experiência da minha família, que, nossa, a maioria parece que foi abduzida por ele. E minha família acredita nisso, então meu pai faz aplicação de ozônio uma vez por semana. Até hoje. Não tomou vacina.

THEO: Mas assim, como é possível que esse cara convença tanta gente de coisas que parecem tão absurdas? Bom, lá no começo do episódio, a gente pinçou uma frase do Lair dizendo que ele descobriu outros caminhos que levam à Roma. É uma referência ao ditado “Todos os caminhos levam à Roma”, e o que a gente entende dessa analogia é que o Lair alega ter outros caminhos para alcançar os resultados que as pessoas querem. E esse papo de ser contra a corrente pode atrair um monte de gente.

SONORA PEDRO SAMPAIO

Então, meu nome é Pedro Sampaio, eu sou psicólogo especialista em análises de comportamento, mestre em psicologia, doutor em psicologia.

THEO: A gente chamou o Pedro e outros profissionais para analisar aspectos retóricos do discurso de personagens como o Lair, e também para ver os mecanismos psicológicos que fazem a gente acreditar neles. Como a Chlô é meio obcecada por esse tema, melhor ela seguir agora.

CHLOÉ: É gente... Como o João, o jornalista que a gente entrevistou e que escreveu sobre o Lair, eu sei muito bem como é difícil convencer alguém próximo de que ele tá sendo enganado por um picareta. Então eu fico querendo entender os truques que esse pessoal usa.

CHLOÉ: Na conversa com o Pedro Sampaio, o psicólogo, ele destacou logo de cara essa coisa do contraditório. Para pra pensar: mamografia dá câncer, radioterapia só faz mal, colesterol é mocinho... O Lair até fala umas obviedades com as quais todo mundo concorda, tipo “exercício é importante para prevenir doenças”, mas ele se destaca mesmo por ir no contrassenso do que dizem as evidências científicas e as sociedades médicas.

SONORA PEDRO SAMPAIO

A ideia de contracultura é agradável. Todos nós gostamos de ser contracultura, de ser contra a maioria. Isso passa para a gente uma sensação de que a gente está mais emancipado, mais liberto, vendo as coisas uma visão além do alcance do resto das pessoas, que está sendo manipulado, enganado. Ninguém gosta de ser feito de trouxa, né.

CHLOÉ: Nas teorias da conspiração, como as do Q-Anon, o raciocínio é tipo esse também. Você descobre por meio de um líder carismático uma verdade que só você e seu grupo têm. E essa verdade secreta é super simples, ela não tem complexidades, zonas cinzas. É uma solução total, completa... e que não existe, principalmente na área da saúde.

SONORA JOSÉ ALENCAR

Eu me chamo José Alencar, sou cardiologista e especialista mesmo em arritmia, com isso que eu trabalho. Só que na pandemia agora, quando comecei a falar de medicina baseada em evidências, eu percebi que as pessoas estavam sedentas por esse conhecimento. Tanto médicos como não-médicos.

CHLOÉ: Em linhas gerais, a Medicina Baseada em Evidências defende que os médicos tomem decisões pelo que há de melhor na ciência sobre o assunto. Às vezes tem muito estudo bom, às vezes tem menos, mas a ideia é sempre navegar com o método científico embaixo do braço.

CHLOÉ: Como o José Alencar explicou pra gente, qualquer tratamento, mesmo um de ótima qualidade, não vai dar 100% certo em todas as vezes. É uma questão de probabilidade. Só que é muito mais atraente ouvir o Lair dizendo que “esse segredo vai zerar seu risco de não sei o quê”, do que o José Alencar falando, ponderado, “olha, faça isso todos os dias pra talvez diminuir o risco de ter um piriपाque daqui a uns anos”.

SONORA JOSÉ ALENCAR

Então os tratamentos são probabilísticos. Não é porque a estatina tem o potencial de evitar AVC e infarto que ela vai evitar AVC e infarto em todos os que usam. Todo mundo tem alguma história para contar de alguém que tomou estatina e ainda assim teve um infarto e AVC. E essa pessoa acaba vendo naquele discurso ali uma nova realidade que não é a correta, mais uma vez.

THEO: E tem o lance também de criticar a indústria farmacêutica, que a gente já está cansado de ouvir. E vamos repetir mais uma vez: ninguém aqui acha que a indústria farmacêutica é uma entidade imaculada. Pelo contrário. Tem muitos casos, alguns abordados até aqui no podcast, em que a Big Pharma operou de maneira antiética em nome dos lucros. Só que isso não anula as boas evidências científicas sobre certos tratamentos que são, sim, produzidos por essa turma.

SONORA PEDRO SAMPAIO

Partir da desconfiança com a indústria farmacêutica, partir da confiança em produtos naturais, partir da confiança de conspirações que as pessoas querem te manipular. Eles utilizam tudo isso para persuadir. E no caso de doenças, no caso de sofrimento, de tratamento de saúde, eles estão predando a esperança das pessoas. São predadores de esperança, porque pegam pessoas que estão muito vulneráveis.

THEO: Esse é o Pedro Sampaio de novo. E por trás disso tudo tem o fato de que essas soluções milagrosas e secretas trazem uma sensação de controle que é muito reconfortante, e que a ciência simplesmente não oferece. Quem explicou isso foi o Ronaldo Pilati, um psicólogo social e professor da Universidade de Brasília. O Ronaldo inclusive tem um livro excelente sobre o assunto chamado “Ciência e Pseudociência no Dia-a-Dia”, vale a leitura.

SONORA RONALDO PILATI

É uma tentativa de afastar um futuro, de afastar a aleatoriedade do mundo, que determina um monte de coisa que tá acontecendo na nossa vida.

THAIS: Daí você pode até pensar. Ué, mas tentar controlar mais a própria vida não é uma coisa boa? Por que eu preciso aceitar calado tudo que um médico me fala? E, realmente, cada vez mais se defende que os pacientes participem ativamente do tratamento, que tragam suas preferências, contem o que estão sentindo.

THAIS: Só que uma coisa é conversar com o médico, ser protagonista da sua saúde e até pensar positivo para se engajar no tratamento. Outra é acreditar que ao controlar atitudes e pensamentos você vai evitar uma doença. Ou, pior ainda, que se você teve uma doença, a culpa é sua porque você mentalizou errado. Isso é uma mentira com um requinte de crueldade.

THEO: E o Pilati falou outra coisa importante. Embora a turma do Lair critique a ciência *mainstream*, eles usam a linguagem científica, a linguagem médica, para parecer que são sérios.

CLIPE COM TRECHOS DE VÍDEOS DO LAIR

“O hormônio da hibernação chama-se T3-reverso, é uma mudança no hormônio tireoidiano”

+

“E não é todo câncer que depende da glutamina. São os cânceres da linha hematopoiética”

+

“Se você quer saber se tem muitas publicações sobre ômega-3. Olha lá, tem 710 estudos”

THEO: Estão aí só uns exemplos dessa retórica com ares de jaleco branco. E tem mais um último ponto aqui. O Lair é um marco, sim, mas sozinho ele não se sustentaria. Tem toda uma rede de negacionistas que validam os discursos uns dos outros, e que podem ganhar dinheiro cada um do seu jeito nesse universo.

SONORA RONALDO PILATI

A gente tem a criação de um ambiente social que de certa forma vai encontrar uma outra validação em discursos e propostas de profissionais diferentes. Isso é importante para as pessoas. Então não é só esse profissional. É esse e vários outros. E isso gera uma comunidade econômica que ganha dinheiro com isso. Então essa dinâmica também mais macro social já não pode esquecer

RESPIRO

VÍDEO DO LAIR RIBEIRO

Olha quanta coisa inexplorada você tem aí para ganhar dinheiro, e ajudando as pessoas, não é roubando de ninguém. É ajudando.

THEO: O Lair faz questão de dizer que não vende tratamentos nem dá consultas. Isso está em destaque no site dele, no rodapé dos seus vídeos, e é dito com frequência nas redes sociais. Pode ser que o Lair não venda tratamentos e nem cobre para atender pacientes, apesar do caso do Marcelo Rezende sugerir que a coisa não é tão preto no branco assim. Mas isso não quer dizer que ele não ganha dinheiro com as suas ideias. É só lembrar que, lá no início dos anos 90, ele ganhava

600 mil dólares ao ano, segundo o Roda-Viva. Até o Ciência Suja, para criticar o seu trabalho, gastou 165 reais em livros.

THAÍS: Tem mais. A pós-graduação que ele dá há alguns anos custa 3 900 reais ao mês, mais 2 mil de matrícula. E você não paga para a faculdade, a Uningá, do Paraná, e sim com um PIX direto para a conta da esposa dele, que é sócia dele em três empresas. E nessa pós também aparecem stands de patrocinadores, como fabricantes de aparelhos de ozônio. Ele ainda vende vários cursos avulsos sobre doenças e tratamentos diferentes. Fora que pinga um dinheirinho dos plays nos vídeos do Youtube. Como a gente já falou, ele reúne 36 milhões de visualizações só no canal dele.

THAÍS: Esse canal publicou 705 vídeos entre maio de 2015 e junho de 2023, o período que a Chloé Pinheiro e o Álvaro Justen analisaram. E lembrando que o Álvaro é aquele cientista de dados que também participou da bolsa que a gente recebeu do ICFJ para essa investigação. Enfim, conta um pouco dessa análise, Chlô.

CHLÔ: Então né, o Lair é quase onipresente nessas redes que desinformam sobre saúde. O que a gente fez foi uma raspagem de dados de audiência não só dele, mas de outros 6 canais de “dicas de saúde” que usam, basicamente, a imagem do Lair para falar sobre quase tudo. Esses canais têm 3 671 vídeos e o Lair aparece em 2 484 deles. E esses canais têm mais de 2 milhões de assinantes. O Álvaro também criou uma plataforma onde dá para buscar palavras específicas que foram usadas nos vídeos desses canais todos. É, o Alvaro é meio mago dos dados, e foi graças a esse recurso que vocês ouviram várias das falas do Lair aqui nesse episódio.

CHLÔ: Por causa desse trabalho lindão do Álvaro, a gente descobriu outra coisa também. É que o Álvaro compilou dados do Médicos Pelo Vida – sim, aquele grupo que a gente abordou no primeiro episódio da temporada. Por causa do Álvaro, a gente conseguiu ver vários vídeos deles, e aí a gente descobriu que o Lair é citado duas vezes como guru numa só live do grupo.

LIVE COMUNICA MPV

O mestre Lair Ribeiro também, que sempre, vamos dizer assim, ultrapassou essas barreiras impostas pela medicina tradicional.

THEO: Enfim, a gente trouxe esse caso do MPV porque ele mostra que, no fim das contas, o raciocínio e a própria estrutura educacional que o Lair montou embasam outros negacionistas. Sabe quem mais é discípulo dele? O médico Volnei José Morastoni, prefeito de Itajaí, em Santa Catarina, e que durante a pandemia distribuiu ivermectina para a população, comprada com dinheiro público. Ele também queria colocar a ozonioterapia como protocolo de tratamento para Covid-19 no SUS. O

Morastoni já fez uma especialização com o Lair. Itajaí chegou a ter a maior letalidade por Covid entre as grandes cidades de Santa Catarina.

THAÍS: Quer mais? O Lair também fez um documentário chamado “Curas Proibidas”, em parceria com a empresa Jolivi, que foi recentemente investigada pela Chlô e pelas jornalistas Silvia Lisboa e Jaqueline Sordi, em matérias para Veja Saúde e a Revista Questão de Ciência. A Jolivi vende protocolos que custam cerca de mil reais, onde promete falsas curas para doenças que vão de Alzheimer a diabetes, assinados por médicos e farmacêuticos que também estudaram com o Lair. A empresa tem 75 mil assinantes e um site de uma empresa-irmã onde vende vitaminas que ajudam nas “curas”.

THAÍS: No mais, procurando na internet, a gente encontra malandro que se formou na pós dele, ou fez cursos com ele, vendendo os seus próprios cursos ensinando teorias infundadas. E aqui tem um lance também que o José Alencar, aquele cardiologista da Medicina Baseada em Evidência, falou pra gente. Pro médico, hoje, ser picareta é rentável.

SONORA JOSÉ ALENCAR

Existem terapias que a gente consegue encontrar em clínicas de grande porte, clínicas renomadas em São Paulo, no Rio de Janeiro, em qualquer capital, que são terapias picaretas, que são terapias falsas. Você consegue encontrar ela lá. Por que que você encontra lá? Porque ela paga bem. Muito bem, porque não é regulamentada. Então o convênio não vai pagar isso, o SUS muito menos. Fica sendo então um serviço combinado do médico para o paciente, e aí ele pode cobrar o quanto ele quiser, né? Quanto melhor ele enganar o paciente, mais caro ele vai conseguir cobrar.

THEO: E olha, é crime de charlatanismo “anunciar cura por meio infalível ou secreto”. Só que é um crime invisível e que não enquadra ninguém na prática. Um levantamento do Jornal O Globo descobriu que em, dez anos, houve só uma condenação por charlatanismo no Brasil. A gente não está acusando ninguém de crime, até porque isso é uma responsabilidade da polícia e do Ministério Público. Mas só aqui no Ciência Suja a gente já denunciou bem mais do que um potencial charlatão.

THAIS: Também pode ser considerado infração do Código de Ética Médica difundir tratamentos sem eficácia comprovada e colocar a vida do paciente em risco ao não seguir o tratamento padrão-ouro para as doenças. De novo, a gente procurou o próprio Lair e o Conselho Federal de Medicina para esclarecer esses pontos, mas não tivemos retorno até o fechamento do episódio.

THEO: A gente também procurou os demais citados nesse episódio e outras autoridades envolvidas. A médica Katia Nakazone, que atendeu o Marcelo

Rezende, disse que não iria se manifestar porque o assunto “já tinha sido esclarecido pelas autoridades”. Mas não achamos nenhum processo, investigação ou boletim de ocorrência sobre o caso. A gente também procurou o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, o Cremesp, porque o Lair Ribeiro não tem autorização pra exercer a medicina no estado, onde o tratamento do Marcelo Rezende foi feito. O CRM dele é de Minas Gerais. Aí o Cremesp disse que, como o Lair não tá registrado lá, o assunto tá fora da jurisdição deles e que caberia ao pessoal de Minas fiscalizar as práticas do Lair. Tentamos contato com o CRM de Minas e eles devolveram a batata quente para o Cremesp, dizendo que o Lair deveria ter pedido uma autorização para eles. É meio enroscado mesmo, mas em resumo: as autoridades médicas não foram atrás do Lair Ribeiro depois que o escândalo veio à tona.

THEO: A gente ainda acionou ainda o Volnei Morastoni, prefeito de Itajaí, e o Médicos Pela Vida, para perguntar se eles concordavam com as falas do Lair, mas eles não nos responderam. E procuramos a Jolivi, a empresa que fez o documentário Curas Proibidas em parceria com o Lair, e também não tivemos retorno. Por fim, tentamos falar com a Uningá, onde o Lair dá a pós dele, para entender se eles de alguma maneira verificam o conteúdo que está sendo veiculado e essa história de pagamento direto pro PIX da mulher do Lair. Mas a gente também não recebeu resposta.

THAIS: Para a gente aqui, o episódio do Lair Ribeiro encerra muito bem uma temporada que tentou discutir bastante a desinformação. De certa forma, o Lair formou negacionistas no Brasil como poucos outros. Seus conteúdos serviram de argumento para práticas indefensáveis, promovidas por ele mesmo e por outros. O currículo inflado dele, os livros com alegações absurdas, os vídeos sem lastro nos fatos, os casos em que ele desestimula tratamentos amparados na ciência... isso tudo tá aí pra todo mundo ver. A gente foi atrás, e nem fomos os únicos, e puxamos esse fio em uns meses. Tem muito mais coisa para puxar.

THEO: O negócio pra pensar é: e agora? E aí? Como a gente responsabiliza os desinformadores, que nem estão se escondendo? Como a gente inibe a desinformação sem ser autoritário? Ainda hoje, diferentes órgãos de Estado deixam um monte de coisas perigosas para a sociedade rolarem por falta de conhecimento e critérios científicos. “Ah, eu não sei se esse cara tem razão ou não no tratamento que ele prescreve, então não vou me meter”. “Ah, será que aquecimento global é tudo isso mesmo”, ou “será que essa lei da alienação parental realmente é misógina?” Até quando a gente vai continuar imóvel? Como as autoridades podem inserir em seus processos a ciência, com todas suas virtudes, falhas e limitações, para pararem de fugir da raia? É sobre isso que a gente queria refletir e provocar, e o episódio sobre o Lair é instrumental nesse sentido. Se você ficou pistola com a história e quiser espalhar o caso para menos gente cair em pseudociências, ótimo!

Mas vai dizer, não seria lindo se, como grupo, como sociedade, a gente começasse também a discutir mais sobre as respostas para essas perguntas que eu fiz agora?

ENCERRAMENTO

THEO: Antes do episódio acabar, a gente tem um recado um pouco triste aqui pra gente do Ciência Suja. A Thaís, uma das fundadoras, a nossa voz da razão, uma editora sem igual de saúde, uma amiga pra todos nós aqui e, para mim pessoalmente, a pessoa mais inspiradora do mundo, o meu amor, vai deixar o Ciência Suja. Thaís, vai lá, fala aí.

THAIS: Calma gente, eu não morri. Eu só aceitei a proposta de ser editora de saúde do BIPE. E infelizmente esse é meu último episódio, eu vou confessar que quando lá atrás o Theo veio falar do edital do Serrapilheira e começou a rascunhar o que seria o Ciência Suja, que nem tinha esse nome ainda, ele já acionou o Pedrão, o Felipe e eu mesma, e a minha resposta inicial foi: “Nem pensar”. Era o auge da pandemia, eu estava simplesmente esgotada por causa do meu trabalho oficial de cobertura de saúde, porque um adendo aqui, vocês sabem que é o Ciência Suja é o nosso projeto paralelo, né. Os boletos não param e todo mundo tem outros empregos. Então esse trabalho no podcast seria feito fora do expediente regular, como é até hoje, diga-se de passagem. Mas assim, eu ouvi uma reunião entre eles, entre os meninos, e como eu contei para vocês no episódio de cesárea, que é o meu favorito, fica a dica, eu e o Theo somos um casal. Então, por isso, eu continuava a saber sobre o tal do Ciência Suja, mesmo me negando a participar. E aí bateu um estalo: não dava para eu ficar de fora disso aqui. Eu iria me arrepender pelo resto da vida. Fora que no meu dia a dia profissional, eu estava vendo o resultado das pseudociências na prática. Era só postar sobre a ineficácia da cloroquina para ver um show de horror. E isso estava até me adoecendo, eu pensava “Meu Deus, mas e a ciência?”. Então é isso, o Ciência Suja toca em temas densos, pesados, como esse mesmo que você acabou de escutar. Mas de certa maneira, ele é o nosso respiro também. E agora eu vou seguir como ouvinte desse projeto grandioso, e que merece todo o sucesso do mundo.

[palmas de todos]

RECADOS DO TIME

PEDRO BELO: Alô, Thaís. A gente é amigo de infância, então imagino que a gente vai continuar convivendo, se não vou ter que substituir sua amizade com outra pessoa do grupo aí, acho que eu tenho uma ideia de quem pode ser. Mas enfim, vou sentir falta do seu jeitinho nas gravações, seu jeitinho delicado. Sucesso para você, viu querida?! Um grande abraço e volte sempre!

CHLOÉ PINHEIRO: Thaís Manarini, a mulher que me ensinou muito do que eu sei sobre jornalismo hoje. Quem diria que, das mesas do Coqueiros e do Varanda, a gente estaria aqui hoje dividindo em um podcast, dividindo as aventuras da

maternidade. Bom, eu fico muito feliz por tudo que a gente já viveu, muito orgulhosa do caminho que você vai trilhar agora. Orgulhosa e um pouco pistola pela sua trairagem. Mas tudo bem. Faz parte. O melhor de tudo é que você vai estar levando o bom jornalismo adiante e a gente vai continuar juntinhas sempre. É isso, amiga. Tenho muito orgulho de você e desejo muito sucesso. Um beijo

FELIPE BARBOSA: Calma Chloé, vai ficar tudo bem. A gente vai sobreviver sem a Thaís. Tita, queria dizer que vou sentir falta das nossas risadas, das nossas brincadeiras, de ter alguém para dividir a função de voz da razão do podcast. E, claro, de fazer muito bullying com o Theo durante as gravações. Mas agora a gente já está treinando a Cecília, ela já está falando as primeiras palavras. Com certeza em breve ela vai falar fosfoetanolamina, hidroxicloroquina, e outras palavras que você tinha um pouquinho de dificuldade às vezes. E, por fim, espero que a sua mãe não deixe de fazer bolo e café para a gente só porque você deixou o podcast. E que você não pare de comprar café da manhã nos dias de gravação. Porque, afinal de contas, a gente vai continuar se vendo, já que a gente grava o podcast na casa de vocês. Te desejo toda a sorte do mundo nessa nova jornada, e eu acho que eu falo em nome de todos aqui quando eu digo que as portas estão sempre abertas para você no Ciência Suja.

THEO: Bom, e para a gente não entrar nos créditos chorando, que fique também nossos votos de alegria pra futura mamãe Chloé! A próxima geração do Ciência Suja vem forte. Tem a cria da Chlô e a Ceci, a minha filha e a Thaís.

CRÉDITOS

THAIS: O Ciência Suja foi apresentado por mim, Thaís Manarini.

THEO: E por mim, Theo Ruprecht.

THAIS: Este episódio foi produzido e roteirizado pela Chloé Pinheiro, pelo Pedro Belo e pelo Theo Ruprecht, com pitacos meus e do Felipe Barbosa.

THEO: A edição de som e as vozes complementares são do Felipe Barbosa. As trilhas são do Felipe e do Pedro. Nesse episódio, nós usamos áudios da live Comunica MPV, do Roda-Viva da TV Cultura, do vídeo Tudo sobre o câncer, do Domingo Espetacular da TV Record, do documentário Curas Proibidas, do Programa Raul Gil no SBT e de vídeos com o Lair Ribeiro retirados do Facebook, Instagram e Youtube.

THAÍS: O projeto gráfico e a arte de capa do episódio são trabalho da Mayla

Tanferri e do Guilherme Henrique. Nosso site, o cienciasuja.com.br, foi produzido pelo Estúdio Barbatana. Lá você terá acesso a materiais extras.

THEO: Por lá você também vai encontrar a aba “Apoie o podcast”. Se tiver sobrando um dinheiro, considere assinar um dos nossos planos. Assim você ajuda a gente a seguir com esse trabalho.

THAIS: E semana que vem já tem o primeiro episódio da intertemporada, com o apoio da ONG ACT, que trabalha com políticas públicas de saúde. Enquanto isso, o pessoal vai seguir na labuta para fazer uma segunda temporada em 2023 - é, é a primeira vez que isso acontece, e esse crescimento só é possível graças a você que segue aqui com a gente. Abaixo a pilantragem, onde quer que a gente esteja. Tchau, gente